

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15378 - Painel Temático - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

Painel Temático

Jamaxim Cultural: Literaturas Indígenas nas Escolas e Comunidades

Ananda Machado - Universidade Federal do Pará (UFPA) - EDUCANORTE - PGEDA

Felipe Souza da Silva - Universidade Federal do Pará (UFPA) - EDUCANORTE - PGEDA

Jeane Almeida da Silva - UFRR-PPGE - Universidade Federal de Roraima

Bruno Marcondes Franques - Universidade Federal do Pará (UFPA) - EDUCANORTE - PGEDA

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPQ

JAMAXIM CULTURAL: LITERATURAS INDÍGENAS COM ESCOLAS E COMUNIDADES

Ananda Machado (PGEDA- Polo Boa Vista- UFRR)

Felipe Souza da Silva (Doutorando PGEDA- Polo Boa Vista- UFRR)

Jeane Almeida da Silva (Professora da Rede Básica, integrante do Grupo de Pesquisa CNPQ
Literaturas Indígenas, Africanas e Caribenhas-UFRR)

Bruno Marcondes Franques (Doutorando PGEDA- Polo Boa Vista- UFRR)

Resumo: Diante da dificuldade que os Macuxi tem em leitura e escrita e os Wai Wai têm com a língua portuguesa, eles trabalharam os livros traduzindo de forma criativa para a língua Wai Wai. O principal objetivo do painel é pensar estratégias de leitura de livros de autoria indígena e a partir desse estímulo, motivar a escrita de suas próprias histórias. Nossa metodologia de pesquisa e referencial teórico prioriza a autoria indígena. Para despertar o interesse e prestigiar as línguas indígenas, trabalhamos algumas obras de Aline Rochedo Pachamama, que é historiadora, ilustradora, educadora, editora, escritora e mulher Puri. Ela dirige a Editora Pachamama e por lá publicou as obras *Pachamama* (2016), *Guerreiras* (2018), *Taynôh* (2019) e *Boacé Uchô* (2020). Boacé Uchô, na língua do povo Puri, significa “Palavra-terra”, “Palavra que pulsa”. Para a autora “A percepção da palavra viva, que brota da terra, conheci por meio das falas das minhas e meus ancestrais. Tal informação chegou a mim porque, apesar da violência simbólica de uma história escrita na matriz colonizadora, a história oral dos Povos Originários persiste” (Pachamama, 2000). E suas ideias nos inspiraram a investir no que Altaci Kokama chamou de “palavra espírito”. E Gersem Baniwa (2015) ressalta como as falas nas línguas indígenas carregam potencial de comunicação com os seres da natureza. E toda essa visão que os textos indígenas trabalham nem sempre entram nas escolas indígenas. Esses exercícios de translíngua, trasnlíngua e transcrição de falas a partir das obras vem sendo enriquecedor. Essa iniciativa está abrindo caminhos.

Palavras-chave: Literaturas Indígenas, leitura, escrita, educação.

O Jamaxim Cultural quer contribuir com o envio de livros de autores indígenas para escolas indígenas de Roraima, para que os indígenas em formação possam colocar em prática com seus alunos a leitura e a produção textual a partir de obras de autoria indígena. Seleccionamos livros de acordo como os interesses de cada uma das escolas/comunidades. Incluímos obras de autores da região e obras que contribuem para o fortalecimento da identidade étnica e

sociocultural dos povos indígenas de Roraima. Priorizamos as escolas com professores em formação, no entanto, pretendeu-se que a iniciativa chegasse a muitas escolas indígenas. Realizamos oficinas para compartilhar estratégias dinâmicas de ensinar literaturas dos povos indígenas a partir dos livros de autoria indígena. E registramos as atividades em relatórios. No Jamaxim Cultural foi realizada uma oficina sobre Narrativas do Boto e a partir delas trabalharam a escrita criativa com mini contos. No final cada autor leu o seu. E o resultado desse trabalho tornou-se uma dissertação de mestrado. A partir do livro **Meu avô Apolinário** foi possível trabalhar a figura do **avô** que é importantíssima. Como atividade os discentes puderam convidar os avós, falar dos vovôs Makunaimî, Maruwai. O professor perguntou como eles veem e se relacionam com seus avós? O trabalho iniciou na escola Wai Wai com poesias, incluiu o livro **Sopro da Vida e Saber Ancestral**. A partir do livro **Sopro da Vida** trabalhamos a diversidade de plantas, seus usos, os cuidados e funções. Para trabalhar os sentidos do Rio na escola indígenas, a partir dos livros de Márcia Kambeba trabalhamos o rio enquanto ser vivo, lugar de encantamento com outros seres que vivem nele, o rio enquanto caminho. Os livros de Ailton Krenak também foram lidos em sala e sensibilizaram para pensar as fortes relações com a natureza. Sobre as cobras, a partir de livros que incluem a Cobra Grande, trabalhamos as transformações, a origem e o castigo. Para trabalhar o pertencimento, o orgulho da própria identidade. A partir de **Metade Cara, Metade Máscara** e de **Ay kakiritama**, conversamos sobre autoidentificação e selecionamos a poesia que fala que a mulher indígena pariu o povo brasileiro para trabalhar a consciência da origem do Brasil, de que foram as mulheres indígenas que pariram o povo brasileiro. Trabalhamos alguns autores indígenas que discutem a questão: "É possível dizer – dentro da percepção indígena – que o índio não deixa de ser ele mesmo em contato com o outro (o não índio), ainda que o (a) indígena more numa cidade grande, use relógio e jeans, ou se comunique por um celular, ainda que uma parabólica pareça, ao outro, um objeto estranho ou incompatível com a comunidade indígena; ainda que nos deparemos com o indígena nos caminhos da internet, em plena construção de aldeias (aparentemente) virtuais; mesmo assim, a indianidade permanece, porque o índio e/ou a índia, onde quer que vá, leva dentro de si a aldeia" (GRAÚNA, 2013. p. 59). Márcia Kambeba em seus versos nos ensina: "Em convívio com a sociedade,/Minha cara de "índia" não se transformou./Posso ser quem tu és,/Sem perder a essência que sou (Márcia Kambeba). E bem coloca Daniel Munduruku: "Que é, por exemplo, quando dizem que somos preguiçosos. "Índio é preguiçoso, índio é atrasado, atrapalhar o progresso, índio é selvagem, índio bom é índio morto". Que é hoje em dia o que os meios de comunicação trazem. Todas as vezes que eles dão uma notícia dizendo que um povo indígena prendeu os funcionários da Funai, qual é a visão que subliminar que está presente aí senão que os índios são selvagens mesmo e que é preciso fazer alguma coisa em relação a isso? "Ah, o índio sequestrou um trator do pobre coitado do latifundiário, está atrapalhando o progresso, o desenvolvimento, não tem nada pra fazer". Esta visão, por mais que as pessoas não percebam, está muito presente dentro delas. Se elas ouvem, por exemplo, que o índio é preguiçoso, elas acreditam, porque elas se remetem à visão romântica do índio deitado na rede, balançando, coçando o pé, sem nada para fazer. E ao mesmo tempo, se dá o direito de julgar o outro. Então quando ele vê uma pessoa como nós, como eu ou o Kaká Werá, por exemplo, que temos passagem pela universidade, temos livros publicados, temos prêmios, elas logo dizem: "mas esse cara aí não é mais índio de verdade". Porque índio de verdade vem junto com todo um imaginário. "Ah, mas ele usa celular, ele usa relógio, e índio de verdade olha o céu para saber a hora" (2020, p.27). Para Ailton Krenak "Você não pode esquecer de onde você é e nem de onde você veio, porque assim você sabe quem você é e para onde você vai". E para Kaká Werá (2017, p.119-120): "Os povos indígenas, num determinado momento, principalmente da década de 1960,

desenvolveram certo pensamento: “Agora não devemos lutar para resgatar aquilo que nós éramos antes, agora é hora de analisar o que fizeram conosco e pensar no que vamos fazer daquilo que fizeram de nós”. E, quando começamos a pensar no que podemos fazer daquilo que fizeram de nós, veio a estratégia, surgida a princípio entre os Xavantes e entre os Guaranis, e aos poucos tomar as ferramentas da sociedade civilizada, seus códigos, tecnologias, pedagogias, e utilizá-las de modo a veicular os valores e a visão do mundo das matrizes ancestrais do Brasil. Afinal, embora sufocada, a essência e o espírito de cada cultura nativa presentes sob o disfarce da colonização". Quando percebemos que ainda não sabiam ler, mostramos imagens, invertendo-as e mudando os ângulos, perguntando o que era possível ver. Mostramos onomatopeias nos parixara (música) Macuxi. "Na literatura indígena, a escrita assim como o canto, tem peso ancestral. Diferencia-se de outras literaturas por carregar um povo, história de vida, identidade, espiritualidade. Essa palavra está impregnada de simbologias e referências coletadas durante anos de convivência com os mais velhos, tidos como sábios e guardiões de saberes e repassados aos seus pela oralidade. [...] Essa prática ainda é usada, pois é parte integrante da cultura em movimento". (KAMBEBA, 2018, p. 40) Chamamos a atenção para a disposição dos textos no livro **Eremukon**, que mostra a forma de um kwei (bastão chocalho). O professor trabalhou uma oficina de fazer Kwei. Usamos essa diagramação para mostrar possibilidade de brincadeira com as palavras, de escrever de forma circular, de coração. Abrimos a possibilidade de fazer oficina de criação de poesias que brincassem com o visual da disposição das palavras. Evidenciando as possibilidades de ludicidade na relação com as palavras, versos e textos. Nas histórias aparecem aves que estão também nos cantos e que já não existem mais fisicamente: como parikuaru e Vaitupiri', Macuxi. Foi possível trabalhar a partir de fotografias de animais que aparecem nas músicas, evidenciando essa forte ligação com a natureza. E que há nomes que existem apenas em macuxi (questão ecológica da biodiversidade e das línguas). Há texto que em sua disposição no livro *Panton Pia'* que parece ave, parece onda e até parece livro. A partir do livro **A História de Makunaima** mostrou a mãe sapa e falou da possibilidade de trabalhar o indecível ora bicho ora gente, ressaltando as transformações e possibilidades de ser ao mesmo tempo animal e humano. Pedimos para buscarem mais situações assim nas histórias e surgiram muitas interessantes. Davi Kopenawa revela uma relação diferente com a escrita "Eu não vi as coisas de que falo no papel dos livros nem em peles de imagens. Meu papel está dentro de mim e me foi transmitido pelas palavras dos meus maiores". E é isso, no trabalho do jamaxim, a oralidade também cabe. Para Graça Graúna, "A reapropriação do espaço via memória possibilita a colocação do sujeito na sua própria história. A renomeação do eu lugar e da sua história significa, em última análise, resistir a uma violência epistêmica que, nas suas diversas formas e práticas continua até o presente". (Graúna. 2013, p.11). E a memória é fundamental. "A tradição é passada pelo uso da palavra. O 'dono' dela é o ancião, o velho, o sábio. É ele quem tem o poder e o dever da transmissão. Os pais sabem que devem ensinar às crianças as coisas práticas da vida (caçar, pescar, cuidar da casa, fazer roça), coisas que lhe vão garantir o alimento do seu corpo [...] os velhos farão isso através das histórias que contarão protegidos pelo véu da noite. Seu público será a comunidade toda que, independente da idade, ouvirá com atenção a atualização de uma narrativa contada de geração a geração até aquele momento" (Munduruku, 2014, p. 177). E a cada oficina realizada com os não indígenas, aproveitamos para arrecadar mais exemplares de livros de autoria indígena para o Jamaxim. Mesmo sabendo da força da oralidade, na escola os povos indígenas querem ler e escrever. "Passaram-se os anos, os povos conheceram a escrita e ela tornou-se uma ferramenta importante na luta pela manutenção da cultura indígena, facilitando o registro dos conhecimentos que até agora então eram transmitidos pela oralidade. Com a escrita nasce a “literatura indígena”, uma escrita que envolve sentimento, memória, identidade, história e resistência". (Kambeba, 2018, p.39). E para Daniel Munduruku, "A

escrita é uma técnica. É preciso dominar essa técnica com perfeição para poder utilizá-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é a afirmação de competência. É a demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro". (Munduruku, in Dorrico, 2018, p.83). Assim, cada professor pesquisador que colabora na pesquisa e na extensão, enriquece o acervo de reflexões e de atividades que vem conseguindo ganhar crianças e jovens para a leitura e a escrita.

Referências Bibliográficas

BANIWA, Gersen dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, alfabetização e Diversidade; LACED/ Museu nacional. 2006

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Poemas e Crônicas: Ay Karyri Tama = Eu moro na cidade**. Manaus: Grafisa Gráfica e Editora. 2013

KRENAK, Ailton. **Narrativa Krenak: O eterno retorno do encontro**. Disponível em <https://www.geledes.org.br/narrativa-krenak-o-eterno-retorno-do-encontro/>. Acesso em 13/09/2020.

_____. **A vida não é útil**. Pesquisa e Organização: Rita Cicarelli. Companhia das Letras. 2020.

_____. **O amanhã não está a venda**. Companhia das Letras. 2020.

MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: MARTINS, Maria Sílvia Cintra. (Org.). **Literatura, cultura e direitos de indígenas em época de globalização**. Vol. 01. Campinas: Mercado de Letras, 2014. P. 173-183.

WERÁ, Kaká. **Tembeta**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editora, 2017.